

ENSINO PRIMÁRIO  
INTRODUÇÃO

Dulce REBELO

Quando no início deste nosso trabalho, em Fevereiro, os professores de todos os graus de ensino se reuniram em assembleia, coube-me a tarefa de introduzir o tema e dar alguns informes precisos.

A partir da análise da situação actual da língua portuguesa, maltratada no uso diário por jovens e adultos, o que reflecte problemas de ensino e aprendizagem, algumas interrogações surgiram:

- Porque aparecem dificuldades linguísticas durante a aprendizagem?
- Porque acusam os professores os colegas do grau de ensino anterior, quando os alunos mostram conhecimentos deficientes na sua língua?
- O que está mal no ensino?

Mais do que obter respostas pretendia-se que os professores aprofundassem a problemática existente. Nesse sentido forneceram-se alguns números, registados nas estatísticas disponíveis, sobre os sucessos e os insucessos dos alunos nos graus de ensino contemplados. Aqui daremos apenas a informação concernente do ensino primário. Ao analisarmos as estatísticas, verificámos que havia uma grande disparidade de resultados entre os distritos, parecendo que

se registava maior insucesso ainda, comparando com o distrito de Lisboa, naqueles distritos onde o número de alunos inscritos era menor, o que não deixa de ser surpreendente. Relativamente ao ensino primário, se nos reportarmos ao ano de 1983-1984 (data mais recente obtida) na totalidade dos alunos inscritos (Continente, Açores, Madeira) que atinge os 923,1 milhares, encontramos aprovados 718,3 milhares, ou seja, 77,8% e sem aproveitamento 204,8 milhares, ou seja, 22,2%, o que nos admira, pois trata-se de alunos que frequentam o 1º ano de qualquer das fases.

Se observarmos os resultados por fases, na sua totalidade, verificamos que dos 486,374 milhares de alunos inscritos na 1ª fase não transitaram de fase 300,216 milhares, ou seja, 61,7%. Quanto aos 436,705 milhares de alunos matriculados no mesmo ano da 2ª fase concluíram a fase 180,618 (41,3%). Tais percentagens são alarmantes, pois trata-se de um momento da escolaridade em que se devia visar o êxito total.

Procurou-se em seguida dar uma visão global da situação, comparando os distritos de Lisboa e Viana do Castelo. Como se pode ver nos quadros I e II, o insucesso é elevadíssimo e muito especialmente no distrito de Viana do Castelo.

#### Quadro I

##### Inscritos e conclusão das fases

1983-1984

Distritos	Total inscritos (em milhares)	C/Aproveitamento (%)	S/Aproveitamento (%)
Lisboa	164,9	43,2	56,8
Viana do Castelo	26,9	37,5	62,4

## Quadro II

Inscritos por fases e conclusão de fase

1983-1984

Distritos	inscritos (em milhares)	C/Aproveitamento (%)	S/Aproveitamento (%)
	<b>1ª fase</b>		
Lisboa	85,5	42,2	57,7
Viana do Castelo	13,9	36,7	63,3
	<b>2ª fase</b>		
Lisboa	79,4	44,2	55,7
Viana do Castelo	13,0	38,5	61,5

Chamei a atenção para o facto de as estatísticas registarem o "não aproveitamento" dos alunos logo no final da 1ª fase, quando o regime de fases foi criado precisamente para dar ocasião às crianças de evoluírem no sentido positivo, de recuperarem das suas dificuldades até ao final da escolaridade primária.

Os índices apontados impressionaram os professores que nos trabalhos de grupo refletiram sobre a problemática da leitura e da escrita, analisando de uma outra forma os erros dos alunos. Em geral,